

Velha Fazenda - III

— "... Vi um por um, oh! provação tremenda!

Nunca me há de esquecer aquele dia!

Debandar os escravos da fazenda.

A esta, em idos tempos de alegria,

Chamara, porque as tinha, de "Esperança",

"Desengano" melhor lhe chamaria.

Ah! dor nenhuma, como a da lembrança

Da ventura que foi, na desventura

Ferir mais fundo o coração alcança!

Tanta grandeza há pouco! e eis que da altura

Do meu sonho resvalo e me subverto

Chão adentro em rasgada sepultura!

Ergo-me, tonto ainda, olho — o deserto!

Falo — silêncio! movo os braços — nada!

Somente a solidão ao peito aperto.

Minha "Esperança" desesperançada!

Com que ouvidos te ouvi então o rouco

Arrastado mugido da boiada!

Pus-me a chorar, como criança ou louco,
(Esta fraqueza, amigo, não te encubro)
Pus-me a chorar. Naquele mês, em pouco,

A flor do cafezal, filha de Outubro,
Reclamando a colheita, a rir-se agora,
Já mudada se achava em fruto rubro.

Naquele mês a várzea se melhora
Com a estação mais regradada e água da serra;
Ao sol pompeando, todo caule enflora;

Viça o vesco faval, com o humor que encerra;
Os grãos amojam nas espigas de ouro;
Racha com as grossas túberas a terra.

Mas com que mãos colher tanto tesouro?
As mãos Maio as levou, levando o escravo,
Maio agora tornado sestro agouro.

Meu mal, assim pensando, aflito agravo;

Nas terras, nas lavouras em abandono
Em desesperação os olhos cravo.

Depois, a pouco e pouco, um meio sono
Me vem. Olho estas cousas com fastio,
E deixo-as ir, como se vai sem dono

Barco largado na tensão do rio."